

“O Asylo Sampaio Vianna e as ‘creanças’ da Santa Casa de Misericórdia”

• Pedro Luiz Squillacci Leme

“Desce, vai procurar outra mãe. Não gosto mais de você”.

Com esta simples frase, uma mãe desempregada e viciada em drogas, expulsou seu filho de apenas cinco anos de um ônibus no Rio de Janeiro e ele foi encontrado mais tarde, perambulando próximo a um aeroporto, símbolo incontestável do mundo moderno.

“Um bebê é abandonado a cada dois dias em São Paulo”.

Esta notícia de um jornal de grande circulação, informa que o problema só chama atenção quando a criança é deixada em estações do metrô, igrejas ou até ao lado do lixo.

Acabou o nosso século vinte, que será lembrado pelos historiadores como o século dos avanços tecnológicos e das guerras. Nunca em toda a história da humanidade os progressos científicos e tecnológicos foram tão grandes, mas também nunca se matou tanto, de modo tão sistemático, em toda a história dos conflitos bélicos do homem.

Todos nós que conseguimos ler estas linhas, já somos respeitáveis senhores ou senhoras nascidos no século passado e no século vinte e um, ainda conviveremos com estas notícias, que na maioria das vezes, são encaradas com naturalidade e descaso.

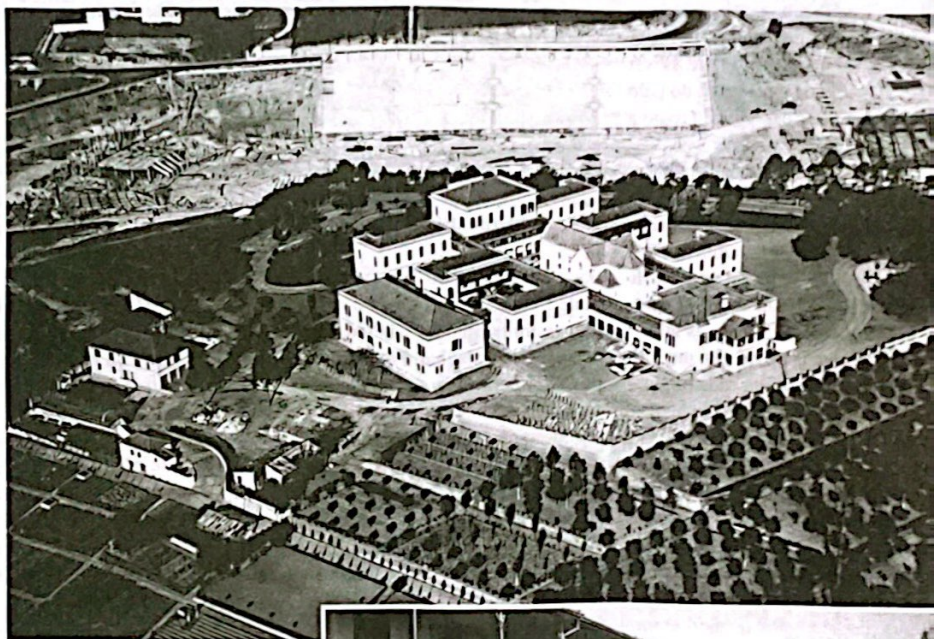
Como fatos como estes podem ocorrer? Existe alguma resposta satisfatória? Uma das respostas possíveis seria: os “homens de bem” falharam vergonhosamente.

Terminado o ano 2000, tão longamente esperado, notamos que nossa sociedade se mantém impassível frente aos graves problemas sociais e morais do país. Que decepção! Será sempre assim? Sempre foi assim?

Várias experiências foram tentadas, desde tempos imemoráveis, para se cuidar das crianças abandonadas, até chegarmos à nossa Fundação do Bem-Estar (?) do Menor. Conseguimos um bom resultado? Até agora este texto trouxe várias perguntas e poucas respostas.

Relatos de arquivos mostram outras experiências mais gratificantes, sendo algumas delas desenvolvidas pela Irmandade da Santa Casa de São Paulo. Alguns seguramente já ouviram a respeito da “Roda dos Enjeitados”, uma salutar solução para uma época em que os filhos tidos fora do casamento, ou mesmo a penúria das mães, podia obrigá-las a deixá-los nesta roda, que existia em um dos muros externos do Hospital Central da Santa Casa, próximo ao Largo do Arouche.

As Santas Casas, historicamente, eram instituições voltadas à caridade. Deviam receber os doentes pobres, dar abrigo e educação aos órfãos, esmolas aos necessitados, dotes às donzelas sem recursos, pousada aos peregrinos, resgate aos cativos, amparo aos condenados e sepultura aos mortos. Embora não existam documentos que registrem a data precisa de sua fundação em São Paulo, existem relatos de suas ati-



(Acima) Vista aérea do “Asylo Sampaio Vianna”, cercado por seus pomares e ao fundo o Estádio do Pacaembu sendo construído; e ao lado, “Creanças da Santa Casa de Misericórdia”



dades desde antes de 1600.

Desde o século dezoito existiu a preocupação de se instalar uma “Roda” para recolher os enjeitados, que seriam destinados por um magistrado a uma ama de leite, “à custa das Câmaras”. Registros da época mostram a espantosa quantidade de “expostos”, como eram chamadas então as crianças aban-

donadas da cidade, numa proporção entre dezessete e vinte e cinco por cento do total das primeiras faixas etárias, mas apenas em 1824, na administração de Lucas

Monteiro de Barros, o Visconde de Congonhas do Campo, é que foi instalada esta “Roda” na Santa Casa de São Paulo.

... continua

Leia:

As dez maiores descobertas da medicina

Carlos da Silva Lacaz
Página 4

Um quinhentista e o libido

Afiz Sadi
Página 4

O brilhante

José Augusto Rittes
Página 4

“O Asylo Sampaio Vianna e as ‘creanças’

...continua

Idealizada em Portugal, servia para que “as pobres crianças enjeitadas não fossem disputadas pelos cães vadios da cidade”. Esta roda lembra um cilindro oco de madeira, que gira em torno do próprio eixo e tem em uma das faces uma abertura, que ficava voltada para uma janela, por onde eram colocadas as crianças. A mãe batia na madeira para avisar o porteiro, que aguardava do lado de dentro para não ver seu rosto e virava a roda.

As crianças recolhidas eram enviadas a Santo Amaro e numa aldeia do Jabaquara, eram amamentadas por índias, mas também existiam amas de leite voluntárias. É referida uma remuneração de quatro mil réis por mês para as amas. Sem assistência adequada, um terço delas morria. Esta roda funcionou até 1948 segundo alguns, mas o último registro seria de 23 de janeiro de 1951, quando deu entrada um menino. Nos anos seguintes, muitas crianças foram abandonadas nos jardins e banheiros da Santa Casa. As crianças ficavam sob o cuidado das irmãs de caridade até completar sete anos quando eram transferidas, as meninas para o Seminário da Glória e os meninos para o de Santana.

Mais tarde as crianças puderam ser transferidas para uma chácara no Pacaembu, a chácara Wanderley, que originaria o “Asylo de Expostos”, posteriormente chamado “Asylo Sampaio Vianna”, onde as crianças ficavam até os doze anos. Este prédio existe até hoje, próximo ao Estádio do Pacaembu e já serviu como unidade da FEBEM, mas encontra-se agora desativado.

A “Roda dos Enjeitados”, nas poéticas palavras de Marcelo de Almeida Toledo (1984), “funcionou até 1948 na Rua Dona Veridiana, recolhendo crianças, órfãs de mães solteiras, órfãs de pais vivos, órfãs de pais bêbados, órfãs de afeto e carinho”. Era habitual se deixar a metade rasgada de um papel com a imagem de um santo, para um dia poder juntar os dois pedaços e reencontrar o filho. Muitas voltaram, mas os filhos haviam morrido.

“Chamo-me Antonio, sou órfãozinho de pai, porque ele abandonou minha mamãe. Ela é muito



Aula de “Gymnastica”, década de quarenta

boa e me quer muito bem, mas não pode tratar de mim. Estou magrinho assim porque ela não tem leite e precisa trabalhar. Por isso me pôs aqui para as irmãs me cuidarem”. (Abandonado em vinte e sete de junho de 1922, morreu na semana seguinte).

“Encontro-me há muito tempo doente e agora, por minha infelicidade, dei à luz duas crianças, vejo-me desamparada e sem recursos. Peço às digníssimas irmãs terem compaixão desta inocente, batizada Thereza e recebam cumprimentos de um pai e mãe que se vêem aflitos de dor e sem recursos”. (Quatro de outubro de 1923. A menina morreu dezoito dias depois).

Um dos maiores problemas destas crianças era a subnutrição, causada pela miséria dos pais e falta de leite materno.

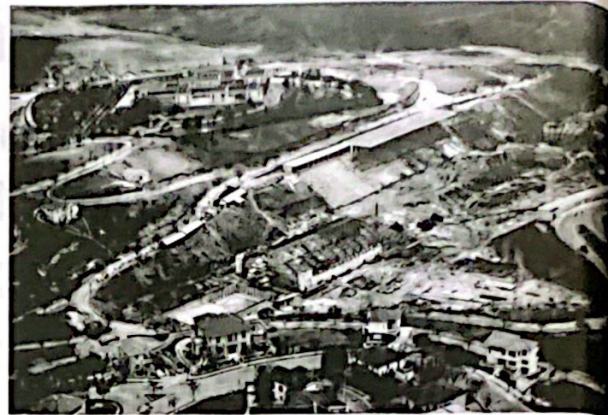
O Asylo Sampaio Vianna, no Pacaembu, onde as crianças maiores podiam ter abrigo e estudo, também representa uma história ímpar no cuidado dos expostos. Iniciativas do passado? Os tempos mudaram? Com certeza sim. Os menores abandonados de hoje são muito diferentes dos do início do século vinte? Seguramente ainda não podemos prescindir de um local com feições de cadeia, para o grande número de menores infratores de hoje, mas se considerarmos a denominação do passado: “expostos” e se cuidarmos hoje das crianças, ainda nesta fase, não teremos tantos “infratores” a lamentar.

tores” a lamentar.

O “Asylo dos Expostos” da Santa Casa, foi instalado em uma chácara, parte do legado de Joaquim Floriano Wanderley, comprada na última década do século dezenove, sendo inaugurado em 20 de setembro de 1896. As Irmãs de São José passaram a administrar o asylo em 1899. O Dr. João Maurício de Sampaio Vianna administrou a instituição desde 1 de novembro de 1903 e por 32 anos consecutivos lá permaneceu, sendo substituído em 18 de junho de 1936 pelo Dr. Guilherme Dumont Villares, quando foram instalados um berçário e lactário. Na década de 40 é pedida a troca do nome “Expostos” por outro neutro, surgindo o Asylo Sampaio Vianna, que foi vendido ao governo do Estado

em 1961, no Governo de Carvalho Pinto.

O relatório de 1910 do “Asylo de Expostos”, escrito por João Maurício de Sampaio Vianna, merece um estudo detalhado. O serviço médico ficou a cargo do Dr. Synesio Rangel Pestana, que substituiu o falecido Dr. Queiroz Mattoso. A direção do asylo era exercida por dez irmãs de São José. Havia um “gabinete dentário”, a assistência de um capelão e o pessoal subalterno era composto por trinta e dois empregados, que se dividiam nos trabalhos de cozinha, guarda, limpeza e lavanderia. Existiam estábulos e a chácara era culti-



Vista aérea do Estádio do Pacaembu sendo construído, vindo-se no canto superior esquerdo o “Asylo Sampaio Vianna”

vada, produzindo verduras, legumes e frutas.

Em 1910 faleceu o mestre sapaiteiro, definido como homem laborioso e bom. Durante este ano nenhuma alteração foi feita no prédio do Asylo, pela falta de recursos da Irmandade. O ano começou com 169 asilados e terminou com 184, sendo 84 do sexo masculino e 100 do feminino.

Os estábulos perderam duas vacas e onze crias devido à “febre aphtosa”, mas mesmo assim foram produzidos 70.696 litros de leite.

Com relação ao ensino existem relatos de:

“Na secção masculina, que teve a frequência de 43 alumnos, ali foram ensinadas as disciplinas seguintes: Grammatica, Arithmetica, Historia do Brasil, Natural, Noções de Geometria, Calligraphia, Gymnastica e Musica.

Na secção feminina, com a frequência de 69 alumnas, ensinouse, além das materias acima indicadas, mais o Francez, bordados e costura.”

Os maiores de doze anos frequentavam oficinas particulares e a “Escola de Aprendizizes Artífices”, sendo frequentadas as oficinas de eletricidade, de escultura em madeira, de torneiro e de marceneiro. Para as horas de folga, foi organizada uma banda de música, com instrumentos comprados e doados.

O Dr. Synesio Rangel Pestana fez um relatório de grande valor histórico:

“O ano de 1910 trouxe-nos duas epidemias que nos deram grande trabalho.

Em fins do mez de Março en-

trou para o Asylo o menino Victor, atacado de sarampão (...). Como sempre acontece, esteve na enfermaria de crianças da Santa Casa, donde nos são remetidos os expostos em condições de entrar para o Asylo; na enfermaria havia apparecido alguns casos de sarampão, e o menino Victor, que alli permaneceu algumas horas, e que tinha sido agasalhado num cobertor da enfermaria, já contaminado, contrahiu a molestia que veio explodir dois ou tres dias depois da sua internação.

(...)

V. Exa. Foi testemunha dos trabalhos que nos deram os doentinhos e das difficuldades que tivemos de vencer para tratar 58 doentes sem uma enfermaria, em salas adaptadas como foi possível. Os asylados eram atacados aos 5 e 6 por dia, simultaneamente, tendo chegado o numero de doentes a perto de 40.

Dos atacados tivemos alguns gravemente enfermos e em perigo de vida, com as complicações proprias do sarampo: bronchites agudas com focos congestivos do pulmão; broncho-pneumonias; enterocolites agudas; colites dysenteriformes; convulsões, etc.

(...) só tivemos um obito a lamentar.

(...) estivemos á sua cabeceira, a ver si o salvavamos da morte, tivemos a infelicidade de nada conseguirmos por ter o doentinho fallecido horas depois do accidente, provocado, a meu vêr, por myocardite toxi-infecciosa.

Em Setembro, coincidindo com a baixa da temperatura ambiente,

“As Crianças da Santa Casa de Misericórdia”

tivemos 18 casos de gripe, que uns tomou a forma intestinal e outros a forma thoraxica.

(...)

Todos se restabeleceram.

Dois décadas passadas, encontramos em 1932 o Dr. Synesio Rangel Pestana, já Diretor Clínico dos Hospitais da Santa Casa, muito ocupado com os trabalhos no Hospital Central, nos conturbados meses da Revolução Constitucionalista. Os cuidados com as crianças ficaram a cargo do Dr. Leite Bastos. A Santa Casa lamentou neste ano a morte da Irmã Úrsula, que trabalhou por quarenta anos com as crianças, merecendo um emocionado necrológio e notícias na imprensa da época, assim como a morte da Irmã Luiza Marcellina. Há cinco anos não se registrava a morte de nenhuma das crianças.

A seção de lactantes contudo, era motivo de preocupação. Estatísticas de 1903 a 1932 mostravam uma mortalidade que oscilou de 16,7 a 33,1 % e se atribua esta alta porcentagem ao sistema de confiar à sítiantes a criação dos expostos na primeira infância, já que as crianças só

“O ano de 1910 trouxe-nos duas epidemias que nos deram grande trabalho”

eram admitidas no Asilo após os três anos. Este mesmo período a mortalidade infantil em São Paulo era de 190 por 1.000 e em alguns estados do Norte, chegava a 28 %. Era pedida com urgência a construção de um pavilhão para lactentes, já que a despesa com as amas de leite era grande e o serviço deficiente. A proposta da época era construir um pavilhão com 200 leitos.

Tentando se extinguir a “Roda”, pretendia-se criar um “Escritório de Admissão”, já que desde 31 de dezembro de 1923, com o Decreto Federal n. 16.306, as “Rodas” foram proibidas. Este Escritório permitiria que as mães sem recursos, continuassem a deixar seus filhos para os cuidados de outros, mas a averia um registro e controle. Seu anonimato seria preservado, mas existiria também um vínculo, possibilitando visitas posteriores e a devolução de muitas crianças, quando as mães esti-

vessem em melhores condições.

“A sorte das criancinhas abandonadas deve interessar a toda a gente que tenha coração. Não é possível que em uma cidade como São Paulo perdesse o sistema de proteção que, devido a circunstâncias especiais, a Santa Casa, com vergonha e tristeza de seus diretores, tem sido obrigada a manter até agora”. (Sampaio Vianna, 1931).

Na década de quarenta, muitas coisas mudaram, como podemos ver no relatório de 1943 do novo Mordomo (administrador), Dr. José Cassio de Macedo Soares, que se referia a extraordinários obstáculos para manter a ordem e a disciplina, sendo encontradas crianças maiores de 15 anos ainda no Asilo, “crianças anormais, em promiscuidade com as sãs”, desinteresse e rebeldia dos alunos e alunas maiores, sendo impraticável “qualquer programa de orientação pedagógica pela heterogeneidade do meio”.

Os cuidados do Dr. Macedo Soares e suas assistentes (religiosas e professoras) foram recompensados. Três alunas que terminaram o primário fizeram exames finais e foram aprovadas no

Grupo Escolar Godofredo Furtado, em Pinheiros. O ensino profissional foi estimulado e festas foram realizadas para distrair e alegrar as crianças. Ainda naquele ano (1943), vinte e cinco crianças foram abandonadas na “Roda” da Santa Casa.

O relatório do Dr. Leite Bastos informa: “doloroso confronto entre a elevada letalidade das crianças confiadas às bondosas mas incultas caboclas de Itapeperica e a mortalidade nula das que ficam sob os cuidados das virtuosas e dedicadas Irmãs de São José, está a clamar por providência urgente e definitiva”.

O ambulatório odontológico também realizava serviços diferenciados: “O socorro a tempo da cárie reduziu o número de pulpectomias. As anomalias de erupção e complicadas têm sido corrigidas. Ao lado da anestesia local nas extrações dentárias e outras intervenções, foi usada a anestesia geral pelo cloreto de etila, com ótimos resultados (...)”.

As professoras Vera Castanho e Renata Colombo também tinham muitas queixas: “Devemos declarar que no início do nosso trabalho fomos assaltadas por grande desânimo diante da indisciplina e falta de bons hábitos de algumas crianças”.

Primeiro dia de aula:

Classe masculina: a) grande indisciplina; b) desobediência.

Observação: Devido a essas duas causas, não foi possível organizar qualquer atividade. Pedi o auxílio das Irmãs e uma pagem foi para isso indicada. (...)

Disciplina: Classe masculina: a) péssima no primeiro dia; b) melhorando paulatinamente com o auxílio de recompensas (bicicleta e brinquedos); c) elementos difíceis de dominar.

Observação: Êsses elementos em dados momentos, precisavam ser retirados da classe, o que sentiam imensamente, e no dia seguinte alguns deles voltavam melhores. Um dia, porém, em que algumas crianças foram retiradas da sala e a pagem deu-lhes um castigo severo obrigando-me a intervir, pedindo-lhe que não mais castigasse dessa forma, ao que ela atendeu prontamente. (...)

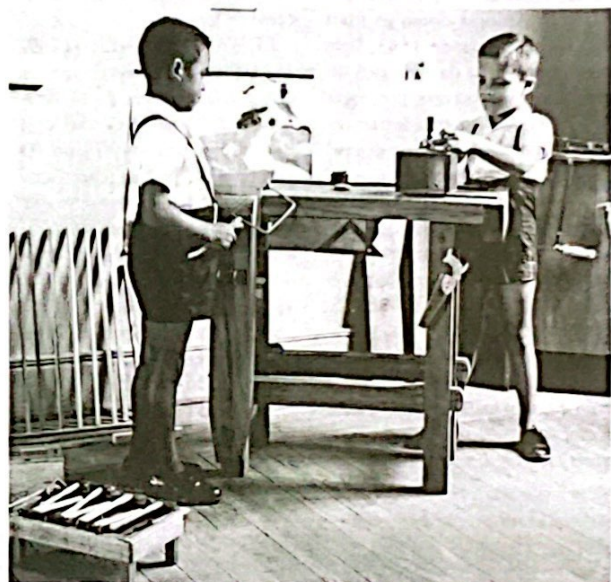
As crianças também eram avaliadas quanto à linguagem, desenho, cálculo, trabalhos manuais. Três vezes por semana era dada aula de canto, assim como eram organizados jogos, exercícios de atenção, de cores, de formas e raciocínio. Eram avaliados hábitos de ordem e tentava-se evitar que as crianças mentissem.

Em julho de 1943, D. Leopoldina Saraiva passou a trabalhar no Asilo como assistente social e notamos sua grande preocupação com o quadro a enfrentar: “Sabíamos da incrível inadaptabilidade dos elementos saídos do Asilo à vida social - criados absolutamente segregados da sociedade, revoltados uns, passivos outros, todos revelando na vida egressa profunda incapacidade de auto-direção, falta de preparo profissional ao lado de um lamentável rebaixamento moral.”

Suas propostas para as atividades eram muito interessantes: combate à ociosidade e preparo profissional (oficina de corte e costura, bordados, oficina pré-vocacional); melhor preparo intelectual e social (biblioteca); lazeres orientados (vi-



Atividades recreativas das crianças do “Asilo”



Atividades profissionalizantes

sitas, passeios, compras, exposições, cinema quinzenalmente, orfeão) e ginástica. Foram realizados inquéritos domiciliares para conhecer as condições da família, tentou-se melhorar o desenvolvimento intelectual, profissional e social; foram transferidos os doentes mentais para instituição especializada.

Podemos imaginar a reação destas zelosas professoras, se pudessem ler os relatos dos problemas disciplinares das Instituições de hoje, onde os funcionários devem fazer, entre outros cursos preparatórios, o de defesa pessoal.

Após sua transferência para controle do Estado, esta unidade funcionou ainda muitos anos, atendendo a recém-nascidos abandonados, mas teve um fim pouco glorioso e hoje seu grande prédio encontra-se desativado. Pouco conhecido, não

serve nem de monumento aos heróis que lá trabalharam.

Como o tempo passou! Creio que todos nós imaginávamos um século vinte e um bem diferente do que este início nos promete. Como podemos mudar este horizonte tão sombrio? Uma das soluções seria empregar a iniciativa de cada um de nós, que agindo conforme a própria consciência, poderia mudar este triste quadro, não permitindo que o menino abandonado perto do aeroporto, como relatado no início deste artigo, tenha que lutar sozinho, já que com a sabedoria de seus cinco sofridos anos, consegue declarar: “não quero virar mendigo”.

* Pedro Luiz Squilacci Leme, professor assistente da Santa Casa de São Paulo, cirurgião do Hospital São Luiz Gonzaga

artigo

As dez maiores descobertas da medicina

* Carlos da Silva Lacaz

A cabo de ler, de autoria de Meyer Friedman e Gerald W. Friedland, médicos e escritores americanos, com tradução de José Rubens Siqueira e revisão técnica de Drauzio Varella, a versão em português do interessante livro daqueles eminentes historiadores, publicada pela Companhia de Letras (2000). O título original da obra em apreço é *MEDICINE'S TEN GREATEST DISCOVERIES* (1999).

Este livro seleciona as descobertas médicas consideradas pelos seus Autores como as mais significativas desde 1543, bem como um pouco da vida dos cientistas responsáveis por estas dez descobertas verdadeiramente transcendentes. Pode-se discordar de um ou outro nome apresentado por Friedman e Friedland, mas no conjunto, acreditamos que eles souberam fazer dez excelentes escolhas, a começar por ANDREAS VESALIUS, famoso anatomista belga, nascido em Bruxelas em 1541, falecido em 1564 quando regressava de uma peregrinação a Jerusalém. Autor do famoso *De Humani corporis fabrica, librid septem*, mais

conhecido como *Fabrica*, a anatomia moderna, que abriu as portas para a cirurgia, muito lhe deve. A descoberta da circulação sanguínea por WILLIAM HARVEY (1578-1652) foi também digna de menção especial. Autor do *De motu cordis*.

ANTONY LEEWENHOEK (1632-1723) desvendou, ao microscópio, vários microrganismos, pequenas criaturas na água da chuva, do poço e do mar. Fez o exame microscópico do seu próprio sêmen que o surpreendeu. Pasteur e Koch muito devem ao holandês de Delft, modesto fabricante de lentes.

EDWARD JENNER (1749-1823) foi contemplado como um dos grandes nomes da Medicina, ao descobrir e descrever a vacinação anti-variólica. O mundo terá, para sempre, uma dívida de gratidão para com este médico famoso. Note-se, também, ter sido ele o primeiro a descrever a *angina pectoris*. A varíola, graças a Jenner, desapareceu da face da terra.

CRAWFORD LONG tem seu nome ligado à anestesia, termo criado pelo cirurgião do exército grego Discórides. Os atos cirúrgicos sem anestesia eram ver-

dadeiramente terríveis e dolorosos. Em 1815, Crawford Long, diplomado em Athens (Geórgia), a 30 de março de 1842, utilizou o éter para a remoção de um cisto. O dentista William Thomas Green Morton já conhecia as pesquisas de Long. Horacio Wells, dentista, diplomado em 1834 pela Escola de Harvard, com óxido nitroso, foi também um precursor da anestesia. Ao contrário de Long, que havia aplicado éter em uma toalha, Morton usou um inalador.

Segue-se a figura de WILHELM CONRAD ROENTGEN (1845-1923), professor de Física Teórica na Universidade de Würzburg, descobridor dos raios-X, prêmio Nobel da especialidade, em 1901. Deixou o dinheiro do prêmio para a Universidade de Würzburg. Faleceu a 10 de fevereiro de 1923. Suas cinzas foram depositadas na tumba da família, em Giessen, cidade onde ele e a esposa Bertha passaram seus anos mais felizes. Mas, muito mais estava por vir no campo da Imageologia. Assim, em 1972, um engenheiro inglês de computação, GODFREY HONNSFIELD e seu colega, um neuro-radiologista, revelaram pela primeira vez, as partes internas de um cérebro, atra-

vés da chamada "tomografia axial transversal computadorizada". Honnsfield partilhou o prêmio Nobel com Allan Cormack.

ROSS G. HARRISON (1870-1959), do Hospital Johns Hopkins, foi o primeiro a praticar culturas de tecidos. Estudou em Bonn, na Alemanha. Esta técnica possibilitou o cultivo de vários tipos de células, com o isolamento de diversos vírus e preparo de vacinas. Ninguém melhor que Harrison sabia que sua observação, de uma fibra nervosa crescendo viva na linfa de sapo é que tinha levado a este magnífico triunfo".

NIKOLAI AMICHKOV (1885-1964), russo de nascimento, diplomado em Medicina em Leningrado, reproduziu a aterosclerose em coelhos com dieta a base de gema de ovo, achando ser o colesterol a causa principal deste processo. Trabalhou com Ludwig Ashoff, durante a 1ª Guerra Mundial. Foi preso. Fugiu e voltou para Leningrado. Amigo de Josef Stalin, comunista convicto, tornou-se médico militar. Foi um grande desconhecido dos pesquisadores europeus e americanos.

ALEXANDER FLEMING (1881-1958), descobrindo a peni-

cilina, abriu ao mundo a era dos antibióticos. Mereceu o prêmio Nobel da Medicina, juntamente com Florey e Chain. A descoberta se deu em setembro de 1928, mas a produção industrial começou na década de 1940. O discípulo de Almroth Wright tornou-se um mito, com sua famosa descoberta. Com Gerhard Domagk, químico alemão, fez na realidade, descobertas das mais notáveis, para o bem da humanidade.

MAURICE WILKINS e o DNA é o título do último capítulo deste interessante livro que ora resumimos. O famoso professor de Biofísica Molecular estudou de maneira completa a difração por raios X de DNA e de moléculas correlatas. Os trabalhos de Watson & Crick neste campo não devem ser esquecidos.

Bem-aventurados todos esses pesquisadores que vivem na glória de seus feitos, no ensino dos discípulos e na seqüência dos continuadores. Que os moços saibam sempre recordá-los, com impecável fidelidade.

Prof. Carlos da Silva Lacaz, Prof. Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Presidente da Sociedade Brasileira de História da Medicina

poesias

Um Quinhentista e a Libido

AFIZ SADÍ

Velhustro na volição, veleidade, volúpia
e volutuosidade na concupiscência psicol
de avidês, na cobiça carnal e amatividade
da virago; toda vurina, com instinto genésico
rebolativo, rejuvenecedor na sua vunjece,
mas, sem ser vulnífero; porém um pouco velhaquesco,
vagantío, em vadeação constante.

Um tipo vagiforme, vancão
na eterna voração das águas.

Vagalumeia a virago, e, na sua testicocefalia,
como um pelagso a relampaguear
o pélagso com o pelejante,
penetrador penisqueiro
nas profundezas volvéceas,
com seu falo intravulvar e com
o vergalho, penisca na cópula,
tonitroando no lusco-fusco
da penetrabilidade e, finalizando
com a acepção e relaxação desse
incomensurável anseio sexual incontento.

O brilhante

JOSÉ AUGUSTO RITES

Já pensaste que o brilhante
– maravilha mineral,
que da jóia deslumbrante
é motivo capital,
tem valor só porque brilha,
mas seu brilho é acidental,
pois está na dependência
de um fator fenomenal
que ultrapassa a sua essência?

Coisa muito semelhante
se observa em nosso ser:
se sem luz perde o brilhante
a razão que o faz valer...
Se nos falta a luz da graça,
tendo trevas como jaça,
que valor podemos ter?

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor:
Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:
Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:
Duílio Crispim Farina
(presidente)
Carlos Alberto Salvatore
Antônio Valdemar Tosi
Marisa Campos M. Amato
João Marques Teixeira

Cinematoteca:
Wimer Botura Júnior

Pinacoteca:
Aldir Mendes de Souza

Museu da História da
Medicina
Jorge Michalany